



PUC-SP

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

GIOVANA MARQUES CUNHA

TORNAR-SE PSICÓLOGA: IMPACTO DO OLHAR GENDRADO NA FORMAÇÃO

SÃO PAULO

2025

GIOVANA MARQUES CUNHA

TORNAR-SE PSICÓLOGA: IMPACTO DO OLHAR GENDRADO NA FORMAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para a
graduação no Curso de Psicologia sob
orientação da Prof.^a Dr.^a Fabíola Freire
Saraiva de Melo

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fabíola Freire Saraiva
de Melo

São Paulo

2025

AGRADECIMENTOS

Dedico-me à saudade da minha antiga Giovana, quando tudo era mais sóbrio e eu nunca havia me preocupado com o mundo. (Clarice Lispector)

À minha orientadora, que me apresentou este tema e que suportou minhas angústias frente ao monstro que criei sobre esse texto.

Agradeço ao meu analista da época, que no meio das minhas cacofonias, me lembrou de que eu posso confiar em mim mesma. E me lembrou de que posso me recusar a ser absorvida e insistir em ser eu.

À minha mãe, que fez minhas inicialmente ilusões de ser alguém que eu gostaria de ser, se tornarem realidade.

Ao meu pai, que viabilizou todos os meus sonhos, que me apoiou todas as vezes que tentei desistir de algo e que me dizia, com calma e firmeza, *"se é isso que você quer, estou contigo"*.

Aos meus pais, que abriram mão de muito para que eu pudesse viver o sonho de cursar psicologia em outra cidade. Que estiveram ao meu lado em momentos que tudo parecia demais para mim. Que me incentivaram em tudo. Desde sempre. Sem vocês, eu não conseguiria. Obrigada.

RESUMO

A Psicologia, como ciência e prática, carrega marcas históricas de um saber eurocêntrico, patriarcal e colonial, que silencia saberes e teorias contra hegemônicas. Ao longo dos anos, a disciplina tem reproduzido tais perspectivas tanto em sua prática profissional quanto na formação acadêmica, naturalizando visões de mundo excludentes. Diante desse cenário, esta pesquisa investigou os impactos subjetivos e formativos do contato com estudos de gênero e epistemologias feministas durante a graduação, a partir de entrevistas com estudantes e ex-estudantes da PUC-SP que tiveram disciplinas específicas sobre gênero no último ano da formação. Utilizando a metodologia dos núcleos de significação e o referencial da psicologia sócio-histórica, a análise revelou que essas experiências provocaram rupturas com currículos tradicionais, tensionaram a lógica da neutralidade e reposicionaram o fazer psicológico como prática política situada. As participantes relataram transformações que o contato com estudos de gênero as transformou em suas escutas na clínica, nas relações familiares e na compreensão do sofrimento psíquico atravessado por gênero, raça e classe. O estudo denuncia o epistemicídio de saberes contra hegemônicos — especialmente os produzidos por mulheres negras e latino-americanas — e propõe uma revisão radical na forma como a Psicologia é ensinada, estudada e praticada. Em contextos marcados por retrocessos políticos e violências normalizadas, reafirmar a formação como espaço de resistência e invenção torna-se uma tarefa ética urgente.

Palavras-chave: epistemologias feministas; formação em psicologia; epistemicídio; interseccionalidade; resistência.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
1.1 Aproximação do tema: relevância e justificativa	7
1.2 Gênero como uma construção social	11
1.3 Aproximações entre Gênero e Psicologia	12
2. OBJETIVOS	15
3. MÉTODOS	16
3.1 Revisão da Literatura	16
3.2 Entrevista Semiestruturada	17
3.3 Análise dos Dados	18
3.4 Discussão dos Resultados	19
4. RESULTADOS: DISCUSSÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	22
4.1 Entrevista - Participante 1	23
4.1.1 Análise Intranúcleos	25
4.1.2 Análise Internúcleos	31
4.2 Entrevista - Participante 2	34
4.2.1 Análise Intranúcleos	37
4.2.2 Análise Internúcleos	43
5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	47
5.1 Análise entre os núcleos: convergências e singularidades	49
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	54
1. Termo De Consentimento Livre E Esclarecido	56
2. Roteiro Da Entrevista Semiestruturada	59

1. INTRODUÇÃO

A escolha pelo tema deste trabalho parte de uma experiência marcante vivida em uma supervisão de estágio do quarto ano no núcleo de educação da Faculdade de Psicologia da PUCSP. Foi nesse momento que notei uma falta importante na minha formação: não havia espaço para reflexões mais profundas sobre gênero, raça e classe. A supervisora compartilhou vivências anteriores de outros estagiários e apresentou uma atividade chamada “oficina de cartas”, em que os alunos do 5º e 6º ano do ensino fundamental escreviam sobre suas dúvidas, emoções e experiências, e os estagiários respondiam. Em uma dessas cartas, um garoto falava da saudade do pai que havia deixado a família há anos, mas também mencionava que, desde então, vinha recebendo ainda mais cuidado e afeto da mãe.

A Supervisora questionou como os alunos responderiam à essa carta e interpretariam essa situação e todas as respostas giraram em torno da ideia da importância de uma figura paterna masculina, do perigo da mãe “sufocar” a criança com excesso de atenção e da necessidade de um referencial masculino na infância.

Foi então que a professora apresentou uma análise a partir das questões de gênero, rompendo com as interpretações naturalizadas e apresentando um olhar crítico e antipatriarcal. A partir desse encontro, a professora, que hoje orienta esta pesquisa, me indicou leituras e palestras da psicóloga e pesquisadora Valeska Zanello, autora cuja contribuição se tornou essencial para a minha formação acadêmica e profissional.

Entrar em contato com as epistemologias feministas e com os estudos de gênero transformou completamente a minha perspectiva sobre a Psicologia, minhas práticas interventivas e a minha compreensão do mundo. Passei a questionar a ausência de discussões de gênero na graduação, percebendo uma lacuna na formação em psicologia. Essa reflexão alcançou as minhas vivências pessoais, especialmente na esfera amorosa, me levando a entender como minha experiência nas relações amorosas, especialmente durante a minha adolescência, era parte de um fenômeno coletivo, estruturado socialmente pelo patriarcado.

Essa pesquisa surgiu da urgência de refletir sobre como uma perspectiva de gênero crítica pode transformar a maneira como a psicologia é ensinada e praticada.

Parto da compreensão de que o conhecimento científico, assim como a Psicologia, não é neutro. Ao contrário, muito do que é considerado “universal”, foi historicamente construído a partir de perspectivas eurocentradas, masculinas e brancas, o que acaba por reforçar uma lógica de mundo colonial, patriarcal e capitalista (Rodrigues; Lima; Silva, 2022).

Foi a partir desse incômodo que decidi investigar de que forma o contato com os estudos de gênero impacta a formação de estudantes de psicologia. A pesquisa foi realizada com estudantes que cursaram o núcleo de gênero no último ano do curso e buscou compreender como essas discussões afetaram suas visões sobre a psicologia e suas práticas profissionais.

A relevância desta pesquisa está na necessidade de promover uma "faxina epistemológica" na psicologia, conforme proposto por Valeska Zanello no prefácio do livro “Gênero na Psicologia: Transversalidades” (2020) colocando em questão a naturalização de dispositivos de gênero dentro das práticas da psicologia. Ao longo desta investigação, pretendo refletir sobre o impacto dos estudos de gênero na construção do saber da psicologia, no intuito de promover uma atuação mais crítica, libertadora e emancipatória no campo psi.

1.1 Aproximação do tema: relevância e justificativa

Judith Butler (2003), filósofa e autora da terceira onda do feminismo, criticou como as diferenças sexuais entre homens e mulheres foram historicamente tratadas como verdades biológicas incontestáveis. A proposta da autora não era de negar que existem diferenças corporais entre os corpos, afinal, elas existem entre todos os corpos, mas sim de refletir sobre porque essas diferenças passaram a ser vistas como essenciais para definir o que é "ser homem" ou "ser mulher". Essa naturalização sustenta construções sociais que determinam quais lugares de poder cada gênero pode ocupar. Como aponta Zanello (2018), essas distinções não são neutras e estão diretamente ligadas a relações de privilégio e dominação

Butler afirma que gênero é “um conceito relacional e implica, sempre, relações de poder, de privilégios, de maior ou menor prestígio” (2003, p.88), uma vez que todo conceito não pode existir por si só, mas mediado por uma cultura, que nesse caso é

gendrada. Dessa forma, “toda diferença sexual é uma construção de gênero”. (Zanello, 2018, p. 44).

A autora também aponta para a ideia de que identidades de gênero não são estáticas, mas construídas a partir de desempenhos sociais, repetição de atos, performances, que por ser tão comumente recorrentes, criam uma noção de natural, biológico e comum. Conseqüentemente, criamos indivíduos que aprendem que para serem considerados “verdadeiramente” uma mulher ou um homem, precisam seguir esses “scripts” culturais como estratégia de sobrevivência.

Esses “scripts” são reafirmados no dia a dia dos indivíduos a partir de “códigos linguísticos e representações culturais” através de tecnologias de gênero (ZANELLO, 2018). As tecnologias de gênero são formas de reafirmar, construir e reconstruir os valores de uma sociedade através de tecnologias sociais, cinema, mídia, brincadeiras e brinquedos, xingamentos, músicas, propagandas etc. Elas são responsáveis por manter as formas sociais patriarcais e racistas, pois renovam e restabelecem novas formas de viver baseado nesses modos de vida que impõem ideais interessantes para a classe dominante, mantendo e reafirmando a misoginia e o racismo como melhor forma de preservar o capitalismo.

Através das tecnologias de gênero, dispositivos de gênero são criados baseados nos “scripts” sociais determinados para homens e mulheres. Esses dispositivos de gênero são conceituados por Valeska Zanello (2018), a partir de uma definição de Foucault, que afirma:

dispositivo é um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas; o dito e o não dito, sendo, portanto, a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. (Foucault, 1995, p. 244)

Logo, dispositivos são uma performance cultural, uma forma de ensinar aos indivíduos como devem se comportar. Eles não são neutros e expressam relações de poder e política, visto que são construídos estrategicamente para que determinadas práticas continuem sendo perpetuadas e reconhecidas com o modo “correto” de se agir.

Valeska Zanello (2018), então, define três dispositivos de gênero presentes na sociedade atualmente: o dispositivo amoroso e o dispositivo materno - para as mulheres- e o dispositivo da eficácia - para os homens.

Para explicar o dispositivo amoroso, a autora criou a metáfora da “prateleira do amor”, simbolizando como esse dispositivo atua na subjetividade das mulheres. A prateleira do amor representa a importância do amor romântico para as mulheres, atuando em suas subjetividades e fazendo com que suas identidades sejam afirmadas e validadas através de um amor masculino. A prateleira do amor é a ideia de que as mulheres ficam dispostas em uma prateleira, disponíveis e esperando para serem escolhidas por homens. Nessa prateleira, o ideal almejado e mais valorizado foi construído pela estética europeia branca, loira, magra e jovem. Desta forma, questões de raça, classe, etnia, orientação sexual, religião e idade estão atravessadas na metáfora da prateleira do amor.

Os homens são os maiores beneficiados por ela, enquanto as mulheres se tornam cada vez mais vulneráveis, colocando em xeque suas identidades, autoestima e confiança. O dispositivo amoroso é extremamente cruel, fazendo com que a vida das mulheres seja principalmente voltada à importância de serem amadas por um homem, caso contrário não serão vistas socialmente como uma mulher reconhecida e prestigiada.

O dispositivo amoroso se relaciona com o dispositivo materno de forma dialética: um depende e reforça o outro através de normas, práticas e tecnologias de gênero. Esse dispositivo construído socialmente propõe a maternidade como uma “vocação” natural feminina. Todavia, a maternidade demanda muito tempo, dedicação e responsabilidade, fazendo com que as mulheres que não querem ter filhos sintam-se culpadas - e as que têm, exaustas por não serem reconhecidas por seus trabalhos esgotantes.

O dispositivo materno, apesar de intimamente relacionado à maternidade, não é somente restrito a ela: está presente em outras esferas sociais, referindo-se ao cuidado do outro em detrimento dos próprios desejos. Um exemplo da atuação do dispositivo materno também pode ser visto nos cuidados familiares e ainda nas escolhas profissionais, como na presença majoritária de mulheres em profissões relacionadas ao cuidado: psicologia, pedagogia e fonoaudiologia. As carreiras

relacionadas ao cuidado são consideradas naturais às mulheres, como se fossem uma aptidão intrínseca, não sendo necessário tanto esforço e estudo para realizá-las.

Outro dispositivo definido pela Valeska é o “dispositivo da eficácia”, formado por construções sociais que resultam no modo de “ser homem” na sociedade. Esse “ser homem” é a oposição e a negação de tudo que é denominado como feminino, logo, ser homem significa, primeiramente, não ser mulher. Para exemplificar, é possível observar os xingamentos dirigidos a homens: “viado” e “mulherengo”, por exemplo. O dispositivo da eficácia também se consolida com base em competições, colocando em prova a virilidade do homem.

A compreensão desses conceitos permite à psicologia identificar variáveis sociais de poder e privilégio, que são tidas como invisíveis, reproduzindo práticas opressivas, as quais podem impactar os indivíduos diretamente (Nicolodi; Zanello, 2023).

A autora Valeska Zanello em “Dispositivo Materno e Processos de Subjetivação: Desafios para a Psicologia” (2016) aponta para a reafirmação e a naturalização da psicologia em relação às questões de gênero, especialmente nos dispositivos amorosos e maternos através da “higienização do controle dos afetos ao prescrever o que seria uma “boa mãe” e os efeitos nefastos de ser uma mãe má” (p.115). As consequências dessas teorias envolvem a construção da “culpa materna”, tão presente nas aulas de psicologia, e que colocam as mães como causa de patologias infantis.

Dessa forma, a psicologia é ainda uma tecnologia de gênero que reafirma questões estruturais patriarcais e necessita de uma “faxina epistemológica” para colocar a prova questões naturalizadas socialmente. (ZANELLO, 2020)

Cada vez fica mais evidenciado as consequências das relações de poder entre homens e mulheres, atravessadas pela sociedade patriarcal e capitalista. A psicologia, sendo uma construção de um conhecimento social, é uma ciência que reproduz as relações estruturais presentes na cultura, desde a sua criação até o presente. Dessa forma, é imprescindível que as pesquisas e as atuações psicológicas estejam sempre se reinventando, ao invés de se congelar numa mortífera repetição que reafirme as estruturas sociais e repita as violências produzidas pelo sexismo.

1.2 Gênero como uma construção social

O conceito de gênero foi e é comumente colocado em debate por diversas feministas e diferentes áreas do conhecimento, como a sociologia, a antropologia, a psicologia e a medicina (Curado; Jacó-Vilela, 2021). Gênero é um conceito em disputa e, por isso, nesses debates, há concordâncias e discordâncias em relação a ele, reflexo de sua complexidade. Aqui, utilizaremos a categoria gênero como uma construção social, que é colocado por Scott como “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder “(Curado; Jacó-Vilela, 2021 *apud* Scott, 1995, p.86). Essa concepção de gênero como construção social vai na direção oposta à equivalência entre gênero e sexo - equivalência essa muito realizada em diversas pesquisas atuais (Figueredo, 2014).

Na nossa sociedade, um indivíduo, mesmo antes de nascer, já recebe diversos sinais e avisos sobre quem ele será no mundo e, a partir daí, inicia todo um processo social de construção de identidade. É “menino” ou “menina” é o primeiro acontecimento para a construção de uma identidade binária de gênero que poderá acompanhá-la por toda sua existência: ou você está em um extremo, ou em outro. Vale ressaltar que isso não se trata de uma escolha: antes mesmo de você vir ao mundo, essa definição está dada (Figueredo, 2014).

A concepção social de “nascer homem” ou “nascer mulher” é frequentemente reduzida a uma diferença anatômica entre homens e mulheres justificada unicamente pela biologia. Judith Butler (2003), como citado anteriormente, questionou esses conceitos médicos das diferenças anatômicas sexuais, indagando sobre os motivos pelos quais essas diferenças corporais foram tomadas como necessárias e imprescindíveis para “ser homem” ou “ser mulher”.

A partir dessa definição anteriormente citada (ser homem ou ser mulher), o indivíduo é enquadrado em um esquema heteronormativo que regula os modos de ser, de viver, os desejos, a sexualidade e os espaços destinados a serem ocupados por cada um. As identidades de gênero são construídas a partir de desempenhos sociais, repetição de atos e performances, tornando-se tão recorrentes que criam uma

noção de natural, biológico e comum. Dessa forma, criamos indivíduos que aprendem que para serem considerados “verdadeiramente uma mulher ou um homem”, precisam seguir esses “scripts” culturais como estratégia de sobrevivência. Além disso, conforme o contexto social e político em que o indivíduo está inserido, ele pode ser alvo de punições, violências e desvantagens sociais caso não se encaixe nos padrões estabelecidos pela sociedade. (Cano, M. 2021)

Os “scripts” culturais são reafirmados no dia a dia dos indivíduos a partir de “códigos linguísticos” e “representações culturais”, através de tecnologias de gênero (Zanello, 2018). As identidades de gênero são reafirmadas através das tecnologias de gênero, que incluem mídias sociais, cinema, mídia, brincadeiras e brinquedos, xingamentos, músicas, propagandas etc. Esses elementos são responsáveis por manter as estruturas de gênero, pois renovam e restabelecem novas formas de viver baseado nos modos de vida que impõem ideais interessantes para a classe dominante.

A área chamada como “estudos de gênero” atualmente é antecedida por lutas em movimentos sociais de mulheres e transferida para a academia anos depois. Ela passa a ser uma categoria de análise, um tema para a compreensão contextual, histórica e política da sociedade. Os estudos de gênero buscam evidenciar como as diferenças percebidas entre os sexos foram politicamente convertidas e desigualdades e assimetrias para justificar o sistema de opressão e de exclusão das mulheres - e de outras subjetividades minoritárias - dos espaços de poder (Curado; Jacó-Vilela, 2021 *apud* Scott, 1995).

Sobre isso, é necessário pontuar que os estudos de gênero passam não somente a denunciar as relações de poder entre homens e mulheres, mas de analisar “a dimensão sexista”, heteronormativa e androcêntrica da produção do conhecimento e os riscos das generalizações de investigações nas quais o masculino é tomado como universal (Curado; Jacó-Vilela, 2021).

1.3 Aproximações entre Gênero e Psicologia

A psicologia é uma ciência predominantemente branca e com seus discursos concebidos historicamente por uma elite masculina e europeia, o que influencia

diretamente nas suas produções acadêmicas e em suas práticas enquanto profissão. Essa base epistemológica definiu os referenciais teóricos e metodológicos que, por muito tempo, silenciaram outras formas de conhecimento, principalmente de grupos minoritários e marginalizados. Boaventura de Souza Santos chamou esse fenômeno de “epistemicídio”, no qual saberes do chamado “sul global” são silenciados, excluídos e vistos como inexistentes (Brambilla, B. et. al. 2022 apud Santos, 2008).

No entanto, a Psicologia também tem uma potência de transformação, podendo ser um instrumento de emancipação e justiça social, mas, por outro lado, pode ser uma forma de perpetuar e preservar as relações de opressão e de poder (Cannone, L. 2018).

Desde o século XIX, a psicologia tradicional, com seus saberes primordialmente eurocêntricos, contribui com estruturas de “feminino” e “masculino”, como o reforço de papéis ditos como “maternos”, a romantização da maternidade e a desresponsabilização masculina perante o cuidado dos filhos. Um exemplo disso é encontrado na teoria de Winnicott (1975), autor referência na psicanálise inglesa e grande influência para os saberes da psicologia até os dias atuais. Segundo ele, uma “mãe suficientemente boa” seria aquela figura ideal que responde de forma adequada às necessidades da criança. Embora o autor tenha contribuído para a compreensão do desenvolvimento infantil, ele reforça a ideia de que a responsabilidade do bem-estar da criança é majoritariamente papel da mãe, idealizando e naturalizando a função materna, excluindo a responsabilidade paterna e outras formas de parentalidade e deixando de lado a complexidade de cenários em que se vivem as famílias na sociedade capitalista (Badinter, 1985).

Esses padrões perpetuados pela psicologia também reforçam ideologias de instituições que estruturam a sociedade capitalista, como a família, a educação, a religião, a ciência, a mídia, a política e o sistema jurídico.

Apesar desse cenário, a presença do debate de gênero na psicologia e em sua formação ainda é escassa, sendo frequentemente abordada de forma isolada, fragmentada e descontextualizada. Atualmente, nos currículos de graduação em psicologia, quando gênero é abordado é feito apenas em matérias eletivas durante a graduação e em poucas pesquisas de pós-graduação (Cannone, L. 2018).

Nuernberg ressalta a resistência histórica da psicologia para abordar esse debate, envolvendo limitações tradicionais pelo fraco diálogo com movimentos sociais. De acordo com o autor, “prevaleceu uma incorporação do gênero como mera variável, a partir de formas individualizantes de reflexão, onde se reduz gênero à sexo” (Cannone, L. 2018 *apud* Nuernberg, 2005, p.70).

Uma pesquisa realizada por Narvaz (2009), aponta para o fato de que as pesquisas realizadas sobre o tema ocupam um lugar marginalizado nas universidades, tendo dificuldade de obter financiamento, além da resistência do conservadorismo histórico na sociedade e na psicologia. Isso reflete no desenvolvimento da formação e da atuação da psicologia, limitando um fazer crítico, emancipatório e comprometido com a transformação social.

Mesmo com muitos desafios, a relação entre psicologia e gênero tem apresentado avanços. O Conselho Federal de Psicologia (2020) adotou diretrizes e resoluções que ressaltam a importância de uma abordagem atenta às questões de gênero, por exemplo, a resolução CFP nº 08/2020, com o estabelecimento de diretrizes para a atuação em casos de violências de gênero, orientando os profissionais para um acolhimento qualificado em uma perspectiva interseccional entre gênero, raça, etnia, orientação sexual e deficiências. Além disso, o CFP tem desenvolvido iniciativas, campanhas, debates, seminários e materiais que discutem questões de gênero.

2. OBJETIVOS

Os objetivos dessa pesquisa são: explorar, conhecer e identificar a importância das teorias de gênero na formação em psicologia e o impacto desses estudos nas atuações dos estudantes ou profissionais da área.

3. MÉTODOS

A presente pesquisa se justifica por buscar compreender o impacto das perspectivas de gênero durante a graduação e o efeito consequente na formação e na atuação da psicologia, visando identificar situações em que as questões de gênero aparecem e mudam completamente o olhar dos indivíduos para as questões psicológicas. A hipótese da qual a pesquisa parte é que compreender as questões de gênero impacta diretamente a construção de conhecimento e a realização de intervenções da psicologia. Os meandros destas experiências e como elas impactam tais pessoas sob suas próprias perspectivas poderá fornecer importantes informações sobre a formação de futuros profissionais da psicologia e a atuação destes, visando promover intervenções a partir de uma perspectiva crítica e emancipatória.

Essa pesquisa se caracteriza como qualitativa, pois buscará conhecer a experiência de psicólogas buscando conhecer o significado de uma trajetória circular em torno do fenômeno que está sendo pesquisado, focando na qualidade e nos elementos significativos para o observador-investigador e não somente em princípios, leis e generalizações (Garnica, A. 1997. *apud* Espósito, 1995). O propósito foi investigar e compreender as vivências de estudantes de psicologia sobre o impacto dos estudos de gênero na atuação e formação de psicologia.

3.1 Revisão da Literatura

Inicialmente foi realizada uma revisão da literatura sobre as epistemologias de gênero e feministas, com o objetivo de adquirir conhecimentos já levantados por pesquisadoras e autoras, contextualizando as temáticas abordadas no presente artigo. Esta revisão foi pautada em artigos científicos disponibilizados em dois bancos de dados online brasileiros: Periódicos Capes e Scielo, além de contar com contribuições de livros, teses e dissertações publicadas por autoras consideradas referência na temática.

3.2 Entrevista Semiestruturada

A entrevista semiestruturada é caracterizada por “uma técnica de pesquisa ou procedimento operacional que serve de mediação prática para análises de cunho interpretativo” (Castro; Oliveira, 2022. *apud*. Severino, 2016). Elas foram realizadas de forma interativa, em que o pesquisador e o pesquisado têm papel significativo na elaboração da interpretação do fenômeno. Nesta pesquisa, as entrevistas semiestruturadas rompem com a ideia “coleta da verdade” (Castro; Oliveira, 2022), portanto, são uma troca de ideias e experiências entre os sujeitos, visando uma compreensão detalhada da experiência do participante.

Para isso, foram entrevistadas duas pessoas, uma estudante e uma ex-estudantes de psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo que já cursaram o quinto ano da graduação e que fizeram parte do núcleo de gênero do quinto ano da faculdade.

O Núcleo “Relações de Gênero, Violência e Psicologia: Latinidades Insurgentes” foi criado por quatro professoras da PUC-SP: Beatriz Brambilla, Cris Andrada, Fabíola Freire e Gabriela Gramkow. Ele foi criado como uma resposta à falta de espaço para debates sobre gênero, raça, classe e outras questões sociais na formação em psicologia. As professoras se reconhecem como “forasteiras” dentro da lógica dominante, branca e elitista da academia. A partir dessa posição, decidiram propor um espaço de troca, escuta e crítica, onde fosse possível pensar uma psicologia que dialogasse com a realidade da maioria da população — e não apenas com os saberes tradicionalmente ensinados nos cursos (Brambilla et al., 2022).

O núcleo aposta em uma formação mais sensível, crítica e implicada, que rompe com a ideia de neutralidade e traz para o centro da formação temas como o racismo, o patriarcado, a colonialidade e as desigualdades sociais. O objetivo é que as alunas se reconheçam como sujeitos políticos e entendam que seu trabalho na psicologia pode — e deve — estar a serviço de uma sociedade mais justa e libertadora (Brambilla et al., 2022).

Em relação às entrevistas, a participação foi voluntária e dependeu da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que explicou o tema e os

objetivos da pesquisa, os riscos e benefícios, as questões de sigilo e privacidade e a autonomia do participante durante o processo.

Para encontrar os participantes da pesquisa, ela foi divulgada de forma online, por intermédio de um formulário do Google Forms, através das redes e mídias sociais, como o WhatsApp.

As entrevistas foram realizadas de forma online, por meio da plataforma GoogleMeets, e foi solicitada a autorização para a gravação do áudio das entrevistas.

Elas seguiram um roteiro semiestruturado – presente nos apêndices dessa pesquisa - elaborado com base na revisão de literatura realizada e seguiu alguns grandes eixos: apresentação das participantes e a relação da participante com: a psicologia, as teorias de gênero e a relação gênero-psicologia.

3.3 Análise dos Dados

A análise das entrevistas foi realizada a partir da proposta dos núcleos de significação. De acordo com Aguiar e Ozella (apud Aguiar *et al.*, 2015), ela tem como objetivo instrumentalizar o pesquisador para a apreensão das significações constituídas pelo sujeito a partir de sua realidade, visto que há alguns elementos que não estão ao alcance imediato do pesquisador. Segundo Vygotsky (2004), “se as coisas fossem diretamente o que parecem, não seria necessária nenhuma pesquisa científica. Essas coisas deveriam ser registradas, contadas, mas não pesquisadas” (p. 150). Então, o trabalho metodológico se deu na tentativa de apreender e explicar, através das categorias metodológicas, as mediações que se ocultam nos significados e determinam as relações de constituição com os sentidos.

Para isso, foram realizadas três etapas fundamentais para o trabalho de análise e a interpretação dos resultados: 1) Levantamento de pré-indicadores; 2) sistematização dos indicadores; 3) Sistematização dos núcleos de significação. (Aguiar *et al.* 2015)

Levantamento de pré indicadores: Nesta etapa, foram identificadas “palavras com significado”, ou seja, palavras que revelam a forma de pensar, agir e sentir do

sujeito. Esse processo se dá pela leitura do material, identificando frequência, ênfase, tonalidade e carga emocional nas falas do sujeito. (Aguiar *et al.* 2015)

Sistematização dos indicadores: Neste momento, foram realizadas as sistematizações dos indicadores, através dos critérios de similaridade, complementaridade e/ou contraposição. A intenção desta etapa é tentar se aproximar dos sentidos constituídos pelo sujeito e ela é realizada a partir de múltiplas leituras do material produzido na última etapa. (Aguiar *et al.* 2015)

Sistematização dos núcleos de significação: Para a sistematização dos núcleos de significação, os indicadores serão articulados de forma que revelem a realidade estudada de forma mais profunda, buscando uma síntese. Buscamos “por meio do processo de articulação dialética dos indicadores, a realidade concreta, ou seja, os sentidos que, histórica e dialeticamente, articulam a fala e o pensamento do sujeito”. (Aguiar *et al.* 2015, p.15)

Vale ressaltar que embora o procedimento de realização dos núcleos de significação seja separado e realizado por etapas, ele não é feito de forma linear. A análise dos dados deve ser realizada de forma dialética, não se esquecendo da totalidade dos elementos, das contradições neles envolvidas e de que as significações não são estáticas, mas se transformam (Aguiar *et al.* 2015).

3.4 Discussão dos Resultados

A discussão dos resultados foi realizada a partir dos núcleos de significação construídos na análise dos dados e das “zonas de inteligibilidade (Aguiar *et al.* 2015) *apud* Gonzáles, 2005), um conhecimento científico produzido com intencionalidade de ser crítico. Além disso, utilizarei como referencial teórico: a revisão de literatura presente neste artigo e as epistemologias feministas.

No contexto do movimento social feminista de 1970, surgiram vozes, principalmente da área da etnografia, criticando a objetividade neutra da ciência. Essa objetividade seguia os princípios do modelo (neo)positivista da ciência, que, na verdade, é uma ciência liberal, defendendo os interesses do liberalismo e,

consequentemente, incompatível com uma emancipação social das mulheres. (Goes, J., 2019)

Dentro dos movimentos feministas, as “teorias da perspectiva” (standpoint theories) passaram a ocupar um espaço importante na discussão científica. Inspiradas por uma leitura marxista da experiência do proletariado, essas teorias propõem que, em uma sociedade misógina e patriarcal, o conhecimento dominante serve principalmente aos interesses das classes que estão no poder. Como esses grupos historicamente foram compostos por homens, isso significa que a produção científica também refletia (e ainda reflete) uma visão de mundo masculina. Catherine MacKinnon (1983) resume essa crítica ao afirmar que “o Estado é masculino”. Ao analisar, por exemplo, como o estupro é tratado no sistema jurídico, ela aponta que as interpretações legais geralmente partem da perspectiva dos homens, deixando de lado, ou representando muito pouco, a vivência e o ponto de vista das mulheres. A partir disso, Sandra Harding (2019) defende que aquilo que se costuma chamar de objetividade, na verdade, está profundamente atravessado pelo olhar masculino.

As pesquisas que se propõe como neutras e objetivas partem de um pressuposto desenhado e criado a partir de uma perspectiva sexista e androcêntrica. Foram eles que moldaram as etapas do processo de pesquisa: o que é considerado um problema científico, quais as hipóteses relevantes de pesquisa, quais evidências são consideradas significativas, como interpretar os dados e para quem eles serão disseminados (Harding, 2019).

A proposta de Sandra Harding (2019) de “objetividade forte” parte primeiramente de que a ciência não é ideal e nem perfeita. Ela reconhece as problemáticas das raízes da ciência, como homogeneidade da academia, que é natural treinada, na medida em que ela é composta por pessoas específicas, com interesses e valores sociais da elite e, ao mesmo tempo, treina os acadêmicos para levarem adiante tais interesses. Essa proposta de “objetividade forte” tem como objetivo relacionar as condições de vida dos sujeitos com suas relações sociais que formaram essas condições e utiliza contribuições das pesquisas feministas para fazer ciência e replicá-la.

Haraway (1995) defende um “posicionar-se” na ciência: posicionar-se ética e politicamente

Assim, como muitas outras feministas, quero argumentar a favor de uma doutrina e de uma prática da objetividade que privilegie a contestação, a desconstrução, as conexões em rede e a esperança na transformação dos sistemas de conhecimento e nas maneiras de ver.” (Haraway, 1995, p. 24).

Dessa forma, utilizarei como base as epistemologias feministas para análise dos resultados desta pesquisa, me posicionando como feminista e crítica à universalidade e a objetividade da ciência e me colocando como um sujeito com marcações histórico-culturais. Sou uma mulher cisgênero branca e escrevo e pesquiso a partir deste lugar, visto que só a partir dele que consigo fazer qualquer movimento no mundo.

4. RESULTADOS: DISCUSSÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Nesta pesquisa, foram entrevistadas duas mulheres: uma estudante e outra ex-estudante da PUCSP. Ambas realizaram o Núcleo “Relações de Gênero, Violência e Psicologia: Latinidades Insurgentes” no quinto ano da graduação. As entrevistas tiveram como objetivo compreender os sentidos construídos por essas participantes a partir do contato com epistemologias feministas e estudos de gênero em suas trajetórias formativas e práticas profissionais.

A primeira participante é uma mulher branca e tem 22 anos. Ela relatou que sua trajetória na Psicologia começou a ser atravessada pelas questões de gênero a partir das experiências de estágio, especialmente ao lidar com situações de violência contra a mulher. Ela menciona que o núcleo de gênero foi “o que mais fez sentido” em sua graduação, contrastando com a ausência de preparo docente para lidar com essas temáticas em outros espaços. Ela se identifica como mulher cisgênero e destacou que as epistemologias feministas impactaram profundamente sua vida pessoal, especialmente nas relações familiares e afetivas. Disse que “faz um letramento de gênero” com o pai, e que foi importante se reconhecer nos textos que lia. Sua prática na psicologia também foi afetada: ela afirma que gênero é um ponto de partida em sua escuta clínica e que o corpo chega antes da fala. Por fim, ela afirma ver “gênero em tudo”, compreendendo essa categoria como estruturante da subjetividade e das relações sociais.

A segunda participante também é uma mulher branca e tem 26 anos. Ela contou que se formou em Psicologia pela PUC-SP em 2024. Durante a graduação, participou de diversos projetos, como monitoria, iniciação científica e fundação da LAPSIT (voltada a temas de trabalho e gênero). Ela cursou os núcleos de gênero e organizacional no quinto ano, e realizou seu TCC em torno da temática do trabalho com mães na economia solidária. Ela relatou que o aprofundamento teórico nas questões de gênero ocorreu principalmente no quinto ano, e descreveu esse processo como uma “epifania”. A leitura de autoras como a Valeska Zanello a fez repensar suas relações pessoais e sua prática profissional. Atualmente, ela atua na clínica e realiza uma especialização em Saúde do Trabalhador no Hospital das Clínicas. Ela menciona que nunca atendeu uma mulher branca e, por isso, passou a refletir criticamente sobre sua branquitude. A participante afirma que o contato com as teorias de gênero ampliou

seu campo crítico e fez com que ela enxergasse violências naturalizadas, inclusive na própria formação em psicologia.

4.1 ENTREVISTA - PARTICIPANTE 1

Quadro 1- Indicadores e núcleos de significação (Participante 1)

PRÉ INDICADORES	INDICADORES	NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
“Só chegando no quinto ano pra você compreender relações de gênero”.	<p><i>-Ausência de debates sobre gênero;</i></p> <p><i>-Formação em psicologia conservadora.</i></p>	<p><i>1. Invisibilidade das questões de gênero na formação em psicologia.</i></p>
“Questões de gênero ainda estão muito desfalcadas no curso”.		
“Psicologia ainda peca muito quanto a questões de gênero”.		
“A formação é conservadora e não olha pra questões de gênero”.		
“Meus primeiros contatos de estágio já falavam sobre essa violência contra a mulher”.	<p><i>-Experiências traumáticas como mobilizadoras;</i></p> <p><i>-Violência contra a mulher como mobilizadora;</i></p>	<p><i>2. A violência como ponto de partida para o engajamento com as questões de gênero.</i></p>
“Violência contra a mulher me mobilizava”.		
“Núcleo que mais me fez sentido”.	<p><i>-“Fazer sentido”;</i></p> <p><i>-Falta de preparo profissional dos professores para lidar</i></p>	<p><i>3. O núcleo de gênero como espaço de sentido e acolhimento.</i></p>
“Não era o que a professora esperava. Então, eu me		

senti desamparada. E aí, eu fui amparada pelo pet”.	com questões de gênero.	
“Escolhi saúde mental porque era o único que não seria tão distante do núcleo de gênero”		
“Faço letramento de gênero com meu pai”.	-Transformação nas relações familiares e amorosas.	<i>4. Impacto das epistemologias de gênero na vida pessoal.</i>
“Mudança na relação com minha mãe”.		
“Me ajudou a sair de um relacionamento difícil.		
“Vou sempre pensar a partir do gênero”.	-Gênero como lente de escuta clínica;	<i>5. Gênero como ponto de partida para a prática da psicologia.</i>
“O corpo chega antes que qualquer coisa”.	-Atuar na psicologia a partir de questões de gênero.	
“Diferença entre eu e minhas amigas que não fizeram o núcleo”.		
“Para que a gente possa atuar de forma mais refinada”.		
“Fazer psicologia a partir daquilo que nos afeta quanto mulheres”.		
“Me afastei da psicanálise”.	-Teorias da psicologia como conservadoras e patriarcais;	<i>6. Crítica às teorias da psicologia que são tradicionais.</i>
“Psicanálise nasce de um berço misógino”.		

“Fenomenologia conservadora e colonial”.	-Falta de atualização das teorias.	
“Zero discussões sobre gênero nos estágios”.	-Supervisão despreparada para lidar com questões de gênero; -Invisibilização das questões de gênero.	<i>7. Falta de preparo docente para lidar com questões de gênero.</i>
“Supervisora não compreendeu meu medo”.		
“Psicologia neutra é enviesada”.		
“Psicologia que vai reproduzindo preconceitos”.		
“Vejo gênero em tudo”.	-Gênero atravessa tudo; -Relações sociais marcadas por gênero.	<i>8. Gênero como categoria estruturante da subjetividade e das relações sociais.</i>
“Gênero chega antes do sujeito”.		
“Mulheres são ensinadas a cuidar, homens a receber cuidado”.		

Fonte: Tabela realizada pela autora a partir da entrevista com a participante 1

4.1.1 Análise Intranúcleos

Núcleo 1: Invisibilidade das questões de gênero na formação em psicologia (invisibilidade)

A fala da participante revela a negligência da formação em psicologia em relação às questões de gênero. “Só chegando no quinto ano pra você compreender relações de gênero”. Essa fala revela que o contato com esses temas é tardio e limitado. Esse relato é sobre uma estrutura curricular que marginaliza os estudos de gênero, restringindo-os a disciplinas eletivas ou espaços de escolha na formação, como os núcleos e as atividades extracurriculares. Ao dizer que “as questões de gênero ainda estão muito desfalcadas no curso”, ela aponta para uma lacuna

estruturante da formação, na qual o silenciamento sobre gênero está associado à manutenção de uma psicologia que se diz como neutra, mas que, segundo ela, “é enviesada”.

Esse silenciamento não é apenas uma ausência: ele produz efeitos formativos e “reproduz preconceitos”. A participante relata que essa falta de estudos de gênero deixou-a despreparada para lidar com temas de gênero que emergiram em estágios e atividades práticas. Assim, esse núcleo expressa o conflito entre uma formação tradicional e a complexidade das demandas sociais que se apresentam à psicologia.

Núcleo 2: A violência como ponto de partida para o engajamento com as questões de gênero (violência mobilizadora)

A participante diz sobre sua trajetória na psicologia ser marcada por experiências que lidavam com violência ao longo de sua formação. A vivência nos estágios mostrou a precariedade institucional para lidar com questões de violência de gênero: “foi muito angustiante pra mim fazer N4 e não ter repertório, não ter acolhimento da professora ou orientação sobre a temática de violência”. Essa fala expressa um duplo desamparo: de um lado, o enfrentamento de temáticas complexas no campo da violência; de outro, a falta de um preparo docente para discutir questões da violência de gênero. A ausência de preparo da supervisão diante das violências relatadas pelas pacientes é vivida como uma continuidade da lacuna de estudos de gênero trazida no primeiro núcleo.

Além disso, ela nomeia diretamente a violência contra a mulher como eixo estruturante de sua mobilização pessoal e profissional: “violência contra a mulher me mobilizava”. Essa mobilização se manifesta como afetação subjetiva e como uma escolha formativa e, a partir dessa mobilização, ela busca espaços que lhe permitam compreender e enfrentar essas questões, como o PET, o núcleo de gênero e de saúde mental, e a iniciação científica. Isso mostra que essa experiência não a paralisou, mas a fez buscar ferramentas que possibilitou-a elaborar, politizar e transformar essa experiência.

O que se delinea nesse núcleo é o encontro entre uma vivência de sofrimento e uma formação que falha em oferecer subsídios para lidar com algumas questões. A resposta da participante é a de buscar por espaços para estudar, questionar, politizar e transformar essa experiência.

Núcleo 3: O núcleo de gênero como espaço de sentido e acolhimento (acolhimento)

Diante da falta de preparo e do desamparo institucional, a participante encontra no núcleo de gênero um espaço de acolhimento: “Foi o núcleo que mais me fez sentido na graduação”. Esse sentimento de pertencimento apareceu em oposição às experiências de estágios, nos quais ela se sentiu “desamparada”. O núcleo se constitui, então, como um espaço de resistência dentro da formação, em que a articulação entre teoria e prática se faz presente.

Ela também associa sua escolha do núcleo de saúde mental à afinidade com os debates que já vinha realizando: “Escolhi saúde mental porque era o único que não seria tão distante do núcleo de gênero”. Essa escolha indica uma busca por espaços que façam sentido com seu percurso formativo e com os espaços de atuação dentro e revela a força mobilizadora do núcleo de gênero.

Núcleo 4: Impacto das epistemologias de gênero na vida pessoal (transformações pessoais)

Este núcleo revela o quanto as epistemologias de gênero ultrapassam a dimensão teórica ou acadêmica, produzindo efeitos concretos em sua subjetividade, relações familiares e amorosas. O estudo de autoras feministas amplia sua compreensão de mundo, mas também opera como uma ferramenta de enxergar as suas próprias experiências pessoais vividas. Ela afirma: “faço um letramento de gênero com meu pai”, mostrando que a relação com a família é reinterpretada a partir de categorias críticas que desnaturalizam as violências cotidianas. O pai, descrito como “muito violento e muito machista”, passa a ser confrontado e questionado por meio do conhecimento a partir das teorias de gênero.

Essa vivência também aconteceu na relação com a mãe da participante, que, segundo ela, ocupa o lugar tradicional de “submissão”, mesmo sendo uma mulher trabalhadora. A fala “vejo a minha mãe, apesar de trabalhar, ter os afazeres dela, muito nesse lugar de tripla jornada” revela o movimento da participante enxergar na sua própria vida as questões do patriarcado, que dialoga diretamente com a autora Valeska Zanello, trazida pela participante como uma das suas principais referências.

Através desse olhar, a participante reconhece os atravessamentos de gênero na divisão sexual do trabalho e no cuidado dentro de sua família.

No campo de relacionamentos amorosos, as epistemologias de gênero também entram como instrumento de análise. Ela relata: “passei por um relacionamento bem difícil... Foi muito importante eu poder me enxergar naquilo que eu estava lendo”. A identificação com as narrativas e análises das autoras feministas permitiu à participante nomear formas de violência que antes talvez fossem invisibilizadas ou naturalizadas. Esse movimento de reconhecimento de sua experiência pessoal nos textos estudados ressignifica a experiência dela, reconhecendo que não é apenas uma questão individual, mas social.

Núcleo 5: Gênero como ponto de partida para a prática da psicologia (prática gendrada)

Neste núcleo, a participante fala sobre o ponto de partida da atuação da psicologia ser a partir das questões de gênero, tanto em relação ao sujeito que está frente a ela, quanto a ela própria, se colocando como mulher na relação: “vou sempre pensar a partir do gênero que ele se apresenta ao mundo”. Essa frase evidencia a percepção de que a vivência dos sujeitos é atravessada por marcadores sociais, sendo o gênero um dos principais.

Além disso, ela rompe com a perspectiva tradicional da psicologia que defende uma escuta neutra e universal. Ao dizer que, em sua atuação, “o corpo chega antes de qualquer outra coisa”, ela está afirmando que o corpo – com seus marcadores de gênero, raça e classe – antecede a fala, a demanda, e influencia o modo como o sujeito é percebido e tratado socialmente. A escuta, portanto, não é descolada do contexto histórico-social, mas é atenta à forma como os sujeitos são afetados e posicionados pelo mundo. Ela também afirma: “acho que é um pouco diferente daquilo que, sei lá, minhas amigas, colegas pensam, que é, ah, o usuário pelo usuário, na sua totalidade, independente do gênero”. Essa diferença diz sobre seu posicionamento ético-político a partir das questões sociais de gênero, raça e classe.

A compreensão da participante sobre papéis de gênero na clínica é fundamentada na ideia de que a experiência subjetiva não é neutra nem universal. Cada sujeito se apresenta atravessado por relações de poder e ela reconhece isso,

dizendo que sua escuta será diferente dependendo se a pessoa é “um homem, uma mulher ou uma pessoa trans”.

Neste núcleo, ela também fala sobre as questões de gênero não só atravessarem os pacientes, mas também ela mesma, como mulher, psicóloga em formação: “fazer psicologia a partir daquilo que nos afeta enquanto mulheres”. Essa frase desloca a posição da psicóloga de uma escuta neutra para uma escuta situada e implicada. Ela reconhece que sua experiência como mulher afeta sua atuação e sua leitura do mundo, o que implica que o processo clínico não pode ser dissociado das experiências concretas de quem escuta e de quem fala.

Trata-se de uma psicologia que se posiciona eticamente contra as violências estruturais. Ao dizer que “para que a gente possa atuar de forma mais refinada”, ela aponta para um ideal de prática que não reduz o sofrimento a categorias abstratas, mas que acolhe os sujeitos em sua complexidade. Nesse sentido, gênero não é um detalhe ou uma camada adicional: “é um dos pontos de partida para compreender o sofrimento”.

Núcleo 6: Crítica às teorias da psicologia que são tradicionais (crítica teórica)

Neste núcleo, a participante constrói uma crítica às abordagens teóricas da psicologia, citando, principalmente, a psicanálise e a fenomenologia, ambas descritas como conservadoras, patriarcais e coloniais. Ela afirma:

“Estudar gênero foi me afastando um pouco da psicanálise, por exemplo. (...) Acho que, pensando na psicanálise, ela nasce a partir do lugar da mulher como louca, né? (...) quase todas as pacientes do Freud eram mulheres... a histeria nasceu porque era uma mulher histérica.”

Essa fala mostra como as epistemologias de gênero a fizeram questionar as teorias estudadas durante sua formação. Em relação à psicanálise, ela não faz essa crítica por desconhecimento, mas porque foi a teoria que teve mais contato durante a graduação, entretanto, encontrou nela um discurso que, do seu ponto de vista, reproduz o preconceito de gênero. Ela segue sua fala dizendo sobre o modo como essa teoria é apresentada na universidade: “Os quatro semestres de psicanálise que são dados pra gente não são sobre essas autoras que conversam com gênero (...) é uma psicanálise muito conservadora.”

Essa ausência de diálogo entre psicanálise e outras autoras feministas, como Lélia Gonzalez e Rita Segato (que só aparecem em eletivas), como ela relata, demonstra um recorte no currículo. Ela se coloca como alguém que deseja uma formação mais crítica e plural, em que as teorias são atravessadas por debates contemporâneos e não tratadas como neutras ou “intocáveis”.

Núcleo 7: Falta de preparo docente para lidar com questões de gênero (despreparo docente)

Nesse núcleo, é possível ver uma vivência de silenciamento e invisibilidade diante das questões de gênero por parte das professoras e supervisoras, principalmente nos espaços de estágio e supervisão. Ela afirma: “Zero. Zero [questões de gênero nas supervisões].” E continua:

“Quando eu fiz N2, eu fiz com X... até então eu só tinha trabalhado com mulheres... e aí eu falei pra ela: como eu me coloco, eu sendo mulher, eu tendo medo de homens, num ambiente que era uma casa de transição, de moradores de rua, homens com mais de 50 anos? Ela: ‘ah, você vai dar conta.’”

Essa resposta da supervisora é vivida como desconsideração do gênero como uma dimensão que está presente no trabalho como estagiária de psicologia. A participante denuncia a ausência de acolhimento e o desconhecimento da docente sobre o fato de ela ser uma mulher atuando num contexto majoritariamente masculino. Não se trata apenas de um desconforto pessoal, mas de um sofrimento ético político, que exige reconhecimento e escuta. Ela afirma que “Falta saber como fazer psicologia a partir daquilo que nos afeta enquanto mulheres.”

Essa frase diz sobre uma formação que ignora a subjetividade de quem cuida, e as condições sociais da atuação profissional. A psicologia que ela critica é uma psicologia que finge neutralidade, e que, conseqüentemente, reproduz violências ao não considerar marcadores sociais como gênero e raça.

Núcleo 8: Gênero como categoria estruturante da subjetividade e das relações sociais (gênero estruturante)

Esse núcleo é um fechamento de tudo que a participante diz durante a entrevista: “Eu vejo gênero em tudo.”; “Gênero chega antes, assim como a cor da

pele.”. Aqui, ela parte de uma leitura interseccional, em que gênero e raça não são apenas um tema, mas uma estrutura que organiza a nossa sociedade e o mundo subjetivo. *“Mulheres são ensinadas a cuidar, e homens a receber cuidado.”* Essa frase revela a naturalização social de papéis de gênero e explica por que há mais mulheres na psicologia: não é por um acaso, ou por uma vocação, mas por uma questão social. O cuidado, a partir de sua fala, é uma prática atravessada por uma divisão de gênero que precisa ser criticada, pois, do contrário, reforça desigualdades.

Outro momento desse núcleo é quando a participante fala sobre o sofrimento psíquico de mulheres e homens

“A gente trabalhou muito com a X sobre como a saúde mental pra mulheres se expressa em depressão, ansiedade..., mas como pra homens se expressa em outras formas, como alcoolismo.”

A partir de sua fala, ela revela como o sofrimento masculino é menos reconhecido a partir dos “diagnósticos” da psicologia e da psiquiatria, pois se expressa de forma socialmente legitimada. A psicologia, ao não considerar essas formas diferentes e variadas de manifestação de sofrimento, reforça estereótipos (por exemplo, as mulheres que são muito mais diagnosticadas com depressão) e não oferece as melhores formas de cuidado.

4.1.2 Análise Internúcleos

Ao articular os núcleos de significação presentes na entrevista da participante, é possível perceber como sua trajetória é marcada por tensões, deslocamentos e construções de sentido que se desenvolvem em um processo de formação e transformação subjetiva. O método dos núcleos de significação, como proposto por Aguiar e Ozella (2006, 2013), nos convida a compreender essas articulações como expressão do movimento da consciência do sujeito, que se dá sempre em relação a um contexto histórico, social e cultural. Para os autores, a consciência é constituída nas relações sociais, em um movimento dialético entre vivências concretas e significações sociais. O desenvolvimento da consciência, portanto, acontece quando o sujeito se depara com contradições em seu cotidiano e é levado a reorganizar os sentidos que atribui às suas experiências (Aguiar; Ozella, 2006).

A participante inicia sua fala com a percepção de que a formação em psicologia negligencia temas estruturantes da subjetividade, como as questões de gênero (Núcleo 1 - “invisibilidade”). Essa ausência gera um incômodo que se intensifica quando ela entra em contato com situações de violência nos estágios e não encontra amparo institucional (Núcleo 7 - “despreparo docente”). A psicologia sócio-histórica entende essa tensão como motor do desenvolvimento da consciência: ao vivenciar contradições entre o que se espera da formação e o que se experiencia na prática, o sujeito é convocado a produzir novos sentidos para sua realidade (Aguiar; Ozella, 2013).

Essa busca por sentido se materializa quando a participante encontra no núcleo de gênero um espaço de elaboração e pertencimento (Núcleo 3 - “acolhimento”). É ali que ela começa a nomear suas vivências e articular teoria e prática, o que tem efeitos diretos em sua vida pessoal (Núcleo 4 - “transformações pessoais”), como por exemplo, na transformação em como ela enxerga o mundo. O que ela relata se articula com os dispositivos propostos pela Valeska Zanello (2020), como o dispositivo de cuidado, que constrói o lugar da mulher como cuidadora universal. Ao perceber esse dispositivo operando em sua família, a participante reinterpreta a relação com sua mãe, enxergando nela a sobrecarga da tripla jornada realizada e as consequências desse dispositivo em sua vida. Além disso, ao dizer que ela realiza um “letramento de gênero” com o pai, ela tenta tensionar o dispositivo materno, que coloca o cuidado sempre como responsabilidade feminina.

Essa transformação não é apenas na sua vida pessoal, ela atravessa também a atuação clínica da participante e sua forma de ver a psicologia (Núcleo 5 - “prática gendrada”). Ela afirma que o “corpo e o gênero do sujeito chegam antes da fala”, e que é a partir desses marcadores que ela estrutura sua escuta. Essa posição se contrapõe com o discurso hegemônico da psicologia, que ainda busca uma neutralidade impossível. A crítica que a participante faz aqui se conecta diretamente ao Núcleo 6 - “crítica teórica”, em que ela aponta os limites da psicanálise e da fenomenologia. Para ela, a forma como essas abordagens são ensinadas, não dialogam com as questões atuais e seguem sendo estudadas de forma desatualizada e conservadora, sem abertura para epistemologias críticas.

Essa crítica ao currículo tradicional reflete o que Badinter diz em 1993, denunciando o como a construção histórica do feminino na psicologia e na medicina

serviu para reforçar papéis sociais naturalizados. A participante percebe isso ao dizer que a histeria foi construída sobre os corpos das mulheres, e que essas teorias não foram suficientemente tensionadas na sua formação. A ausência de autoras como Lélia Gonzalez e Rita Segato no currículo obrigatório também aponta para um apagamento epistêmico (Santos, 2007) que é parte da manutenção de um modelo conservador de ensino que privilegia saberes eurocêntricos, brancos e masculinos.

No Núcleo 7 - “despreparo docente”, essa crítica se volta às práticas docentes e de supervisão. A fala da supervisora que ignora o medo da participante diante de homens durante o estágio revela como o corpo da psicóloga é desconsiderado na formação. Como aponta Zanello (2020), a formação em saúde mental muitas vezes reproduz os dispositivos de gênero e cuidado, atribuindo à mulher o papel naturalizado de acolhimento e escuta, sem oferecer, em contrapartida, espaços que legitimem sua própria experiência subjetiva. Reconhecer os afetos, os atravessamentos e as dimensões de gênero nas experiências formativas são fundamentais para romper com essa lógica e construir uma psicologia mais crítica e situada. A participante sintetiza isso ao dizer que falta saber como fazer psicologia a partir do que nos afeta enquanto mulheres.

O Núcleo 8 - “gênero estruturante”, costura todos esses sentidos ao afirmar que gênero é estruturante da vida, da subjetividade e das relações. Quando a participante diz que “vê gênero em tudo”, ela está dizendo que gênero atravessa não só os sujeitos, mas também as instituições, os saberes e as práticas da psicologia. A psicologia sócio-histórica, ao considerar a constituição subjetiva como um processo mediado por relações sociais, culturais e ideológicas, ajuda a compreender essa afirmação como parte de um movimento de tomada de consciência e reposicionamento no mundo (Aguilar; Ozella, 2006).

Assim, os núcleos se articulam mostrando uma estudante que, diante das contradições da formação, encontra nas epistemologias de gênero um repertório teórico, político e afetivo para elaborar suas experiências e construir uma prática profissional comprometida com a realidade social. A análise internúcleos, nesse caso, não revela apenas uma trajetória individual, mas um processo de construção crítica que envolve conflito, escuta, elaboração e transformação.

4.2 ENTREVISTA - PARTICIPANTE 2

Quadro 2- Indicadores e núcleos de significação (Participante 2)

PRÉ INDICADORES	INDICADORES	NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
“Nunca foi algo que falaram: olha você tem que estudar isso”.	-Questões de gênero são discutidas de forma superficial, dependendo do interesse pessoal ou docente.	<i>1. Invisibilidade da temática de gênero na formação.</i>
“As discussões sempre foram matérias que eu escolhi”.		
“Não senti que foi tão esquematizada”.		
“Foi sempre um esforço extra meu”.		
“As professoras também não sabiam muito bem como falar sobre”.		
“Me deu epifania.	-Teorias de gênero provocam uma ruptura e uma visita a percepção de si mesma e do mundo.	<i>2. Epifania e transformação subjetiva a partir das teorias de gênero.</i>
“A conformidade virou inconformidade.”		
“Fiquei mexida por semanas.”		
“Minha percepção sobre mim e sobre o mundo mudou.”		
“A psicologia também produz violências”.		

<p>“Será que a gente está promovendo justiça social ou reproduzindo violência?”</p>	<p>-A psicologia tradicional reforça desigualdades e opressões;</p>	<p>3. <i>Crítica à psicologia como reprodutora de violências.</i></p>
<p>“A neutralidade é uma ilusão”.</p>	<p>-Neutralidade não existe.</p>	
<p>“Tinha que ter um olhar feminista e de gênero”.</p>	<p>-A escuta cínica precisa considerar questões de gênero, raça e outras interseccionalidades.</p>	<p>4. <i>Construção de uma escuta crítica e politizada.</i></p>
<p>“Fico pensando em manejos corretos”.</p>		
<p>“Não é só violência institucional, é violência marcada por gênero”.</p>		
<p>“Ela teve filhos por estupro marital e foi responsabilizada”.</p>	<p>-Mulheres são culpabilizadas e não são acolhidas em seus sofrimentos por muitas instituições.</p>	<p>5. <i>Violência de gênero e culpabilização da mulher nas instituições.</i></p>
<p>“Era sempre ela que fazia tudo”.</p>		
<p>“A UBS não acolheu”.</p>		
<p>“Ela pedia ajuda e diziam que ela era negligente (com o filho)”.</p>		
<p>“Quem cuida são mulheres”.</p>	<p>-Cuidado socialmente atribuído às mulheres, inclusive na psicologia.</p>	<p>6. <i>A mulher como figura central do cuidado.</i></p>
<p>“Psicologia é uma profissão do cuidado”.</p>		
<p>“A carga mental é sempre das mulheres”.</p>		

<p>“A maioria das teorias são feitas por homens”.</p>	<p>-Ausência de autoras mulheres negras;</p>	<p><i>7. Crítica às abordagens tradicionais e à hegemonia masculina na psicologia.</i></p>
<p>“As pessoas se beneficiam desse silêncio”.</p>	<p>-Centralidade de teorias produzidas por homens brancos;</p>	
<p>“As questões de gênero e raça são colocadas como secundárias.”</p>	<p>-Resistência institucional ao debate sobre gênero.</p>	
<p>“Falta Lélia Gonzalez, falta Djamila, falta Sueli Carneiro, falta Patricia Hill Collins”.</p>		
<p>“É uma psicologia ainda muito eurocentrada”.</p>		
<p>“Como lidar com minha branquitude?”</p>	<p>-A atuação da psicologia exige reflexão crítica sobre branquitude e interseccionalidades.</p>	<p><i>8. Letramento de gênero e racialização das práticas clínicas.</i></p>
<p>“As mulheres negras que atendi sempre estavam em situação de violência”.</p>		
<p>“Não posso ignorar que sou branca”.</p>		
<p>“Nunca atendi uma mulher branca”.</p>		
<p>“Não é o meu papel resolver problema de ninguém”.</p>	<p>-Reconhecimento dos próprios limites como psicóloga.</p>	<p><i>9. Conflito entre desejo de cuidado e limite ético.</i></p>
<p>“Ela já era letrada sobre isso, mas as violências eram muitas”.</p>		

“Eu tive que entender o meu lugar ali”.		
“Tem gênero em tudo”.	-Gênero atravessa todas as esferas sociais e subjetivas.	<i>10. Gênero como categoria estruturante do mundo social.</i>
“A gente se apresenta no mundo num gênero”.		
“Até o anjo é colocado como homem”.		
“As escolhas não são neutras”.		

Fonte: Tabela realizada pela autora a partir da entrevista com a participante 2

4.2.1 Análise Intranúcleos

Núcleo 1: Invisibilidade da temática de gênero na formação (invisibilidade)

O primeiro núcleo revela como as questões de gênero foram negligenciadas ao longo da formação da participante, aparecendo apenas tardiamente, e sempre como uma escolha pessoal e não como parte do currículo. Isso se mostra em falas como: *“Nunca foi algo que falaram: olha, você tem que estudar isso.”*; *“As discussões sempre foram matérias que eu escolhi.”*

Essa fala aponta para um percurso formativo onde a discussão de gênero esteve ausente de forma sistemática. Esse núcleo expressa a contradição vivida pela participante entre uma formação que se pretende crítica e a ausência de temas fundamentais para compreender as subjetividades. Quando ela diz “Foi sempre um esforço extra meu”, ela diz sobre o deslocamento da responsabilidade coletiva e institucional para o sujeito, que precisa buscar ativamente esses conhecimentos.

O incômodo gerado por essa lacuna formativa parece mobilizar a busca da participante por espaços onde esse debate estivesse presente. O sentido aqui produzido não é apenas de ausência, mas de uma formação que silencia questões de gênero, muitas vezes, não produzindo cuidado. O núcleo de gênero se configura,

assim, como um espaço para dizer do conflito entre a expectativa de uma formação crítica e a vivência de uma psicologia silenciadora para algumas questões.

Núcleo 2: “Epifania” e transformação subjetiva a partir das teorias de gênero (epifania)

Esse núcleo revela um movimento subjetivo de ruptura provocado pelo contato da participante com as epistemologias feministas, especialmente com a obra da psicóloga Valeska Zanello. Ela descreve esse momento como uma “epifania”, uma palavra que fala do impacto repentino e profundo que essa leitura teve sobre ela: “Me deu epifania.”; “A conformidade virou inconformidade.”

A transformação vivida aqui não é só subjetiva, mas afetiva e política. A participante começa a repensar não só a sua vida pessoal, mas também sua prática profissional e suas relações. O contato com essas teorias desnaturaliza experiências anteriormente normalizadas, como ela mesma expressa. “Fiquei mexida por semanas.” Essa transformação de olhar a partir das epistemologias de gênero atinge diversas áreas na vida pessoal da participante: família, relacionamentos amorosos, prática clínica e percepção social. Esse núcleo mostra o surgimento de uma nova consciência sobre o mundo.

Núcleo 3: Crítica à psicologia como reprodutora de violências (psicologia opressora)

A participante expressa a consciência de que a psicologia, ao se posicionar como neutra, pode se tornar reprodutora de desigualdades e violências estruturais: “A psicologia também produz violências.”; “Será que a gente está promovendo justiça social ou reproduzindo violência?”. Essas falas revelam uma crítica que desloca a psicologia do lugar de prática do cuidado para o de possível convivência com opressões, quando não tensiona estruturas sociais como o machismo, o racismo e a cisheteronormatividade.

Quando a participante aponta que “A neutralidade é uma ilusão”, ela expressa a percepção de que a formação e a atuação da psicologia estão inseridas em relações sociais de poder, e que ignorar essas relações é, por si, uma tomada de posição — normalmente a favor do que tem esse poder.

Esse núcleo expressa a contradição vivida entre o desejo de uma psicologia comprometida com a justiça social e a percepção de que a prática psicológica, muitas vezes, atua de forma conservadora. Essa contradição também faz a participante buscar por uma prática mais ética e libertadora.

Núcleo 4 – Construção de uma escuta crítica e politizada (escuta politizada)

A fala da participante aponta para uma escuta clínica que não se reduz à dimensão técnica e teórica, mas que se estrutura a partir de um compromisso com a escuta das violências marcadas por gênero e raça: “Tinha que ter um olhar feminista e de gênero.”; “Não é só violência institucional, é violência marcada por gênero.”

Esse núcleo expressa o desenvolvimento de uma escuta implicada, atravessada pelas interseccionalidades. A participante entende que os sofrimentos que chegam a ela não são neutros, mas carregam marcas de gênero, raça e classe. Ela articula essa escuta com uma postura ética de manejo, como quando afirma: “Fico pensando em manejos corretos.” Essa fala diz sobre uma inquietação em relação à forma como a clínica responde (ou não responde) às violências que se apresentam. O manejo clínico, portanto, não é compreendido apenas como teoria, mas como prática política.

Esse núcleo mostra o deslocamento da escuta do plano técnico para o plano ético-político. A clínica é atravessada pelas relações de poder, e o profissional precisa desenvolver uma escuta que reconheça essas marcas.

Núcleo 5 – Violência de gênero e culpabilização da mulher (culpabilização feminina)

Neste núcleo, a participante relata uma situação clínica que mostra diversas formas de violência de gênero, naturalizadas tanto nas relações familiares quanto nas práticas institucionais. Ela narra: “Ela teve filhos por estupro marital e foi responsabilizada por não dar conta dos filhos.” Essa fala evidencia uma inversão de responsabilidade: a mulher, vítima de uma violência, é responsabilizada pelos efeitos sociais e subjetivos dessa violência. A participante observa que, mesmo diante de uma realidade marcada por muitas opressões, as instituições falham em oferecer acolhimento: “A UBS não acolheu.” Essa ausência de escuta institucional não é

percebida como falha isolada, mas como parte de um padrão de culpabilização da mulher, que atravessa gerações: “O filho, com questão de saúde mental, reproduzia violência contra ela.”

O que aparece aqui é uma compreensão da violência de gênero como fenômeno relacional e intergeracional, em que a mulher ocupa constantemente o lugar da responsabilidade — pelo cuidado, pelo sofrimento dos filhos, pelo fracasso das instituições. A escuta clínica da participante se posiciona diante dessa injustiça, mas também reconhece seus próprios limites: “Ela já era letrada, mas as violências eram muitas.”

Essa fala diz sobre a questão de que o letramento de gênero, por si só, não basta: é necessário que as instituições e a sociedade acolham, reconheçam e atuem de forma comprometida com a vida dessas mulheres.

Núcleo 6 – A mulher como figura central do cuidado social (dispositivo materno)

Este núcleo se organiza em torno da fala da participante de que o cuidado, tanto na clínica quanto na vida social, é atribuído predominantemente às mulheres. Ela relata que “Quem cuida, quem acompanha, são mulheres”. Isso parte da observação de sua prática clínica e dos espaços que frequentou na formação. O cuidado não aparece como uma escolha ou vocação, mas como algo socialmente esperado das mulheres: “Os homens não abrem mão da vida deles.”

A crítica nesta fala é sobre a naturalização do lugar da mulher como cuidadora — na família, na saúde, na educação e na psicologia. A participante também reconhece que a profissão que escolheu é marcada por esse atravessamento: “Psicologia é uma profissão do cuidado.”

Esse núcleo diz sobre o lugar da mulher na sociedade como cuidadora, mesmo quando esse cuidado é uma escolha. A participante fala sobre o cuidado, nesse sentido, ser entendido como um marcador de gênero, um dispositivo que estrutura desigualdades e que precisa ser interrogado, e não reproduzido.

Núcleo 7: Críticas às abordagens tradicionais e à hegemonia masculina na psicologia (apagamento epistêmico/crítica teórica)

Neste núcleo, a participante aponta as limitações da formação em psicologia, especialmente em relação às teorias ensinadas e às epistemologias silenciadas. Ela afirma: “A maioria das teorias são feitas por homens.” Essa fala expressa um incômodo com a hegemonia de autores e teorias produzidas por homens e brancos. O apagamento de autoras negras, feministas e latino-americanas é percebido como um sintoma de uma psicologia que se pretende universal, mas que ignora realidades diversas. A crítica da participante continua quando ela nomeia o que está ausente: “Falta Lélia Gonzalez, falta Djamila, falta Sueli Carneiro, falta Patrícia Hill Collins.”

Essa fala direta revela uma consciência crítica, que não apenas percebe a ausência, mas sabe nomear os saberes que deveriam estar presentes. A frase “As pessoas se beneficiam desse silêncio” sintetiza a percepção de que esse apagamento é político — ele não é neutro, mas serve para manter estruturas de poder.

Núcleo 8: Letramento de gênero e racialização das práticas clínicas (prática interseccional)

A partir da experiência clínica, a participante reflete sobre os marcadores sociais que atravessam sua prática. Ela afirma: “Nunca atendi uma mulher branca.”

Essa frase carrega uma constatação social de que nas instituições em que a participante já trabalhou, são as mulheres negras, em situação de vulnerabilidade, que chegam aos serviços públicos de saúde mental. Isso leva a participante a se questionar sobre sua própria posição: “*Como lidar com a minha branquitude?*”

A consciência de sua posição de mulher racializada como branca em posição de privilégio a convoca para uma responsabilidade ética: “Não posso ignorar que sou branca.” Esse núcleo revela uma implicação da participante com os efeitos da racialização nas práticas clínicas. Ela observa que as mulheres negras que atende vivem situações de violência múltiplas: “As mulheres negras que atendi sempre estavam em situação de violência.” Essa percepção não se limita à constatação empírica: ela a articula com os saberes adquiridos em estudos de gênero e raça: “As teorias de gênero falam dessas divergências.”

A escuta da participante se constrói, portanto, a partir de uma consciência racial crítica, que reconhece as desigualdades históricas que marcam os corpos atendidos — e também o corpo de quem atende. Este núcleo mostra como a clínica é vivida como espaço de desigualdade, mas também como possibilidade de posicionamento ético e político.

Núcleo 9: Conflito entre desejo de cuidado e limite ético-clínico (limite ético)

Neste núcleo, a participante expressa a tensão entre seu desejo de ajudar e de cuidar e os limites impostos pela ética profissional. Ela diz: “Não é meu papel resolver o problema de ninguém.” Essa fala surge no contexto de um acompanhamento de uma mulher que, apesar de ser letrada em gênero, seguia sofrendo múltiplas violências. A participante se percebe limitada, não por omissão, mas por reconhecer que há um limite da atuação clínica: “Queria muito ajudar, mas não podia.”

Esse núcleo expressa que o cuidado não pode se confundir com salvamento. O desejo de proteção e de ajuda existe, mas precisa ser revisto para não transformar o espaço clínico em espaço de dominação. Ela afirma também: “Eu tive que entender o meu lugar ali.”

Essa fala mostra o reposicionamento ético da participante: a escuta clínica não é ausência de ação, mas contém limites.

Núcleo 10: Gênero como categoria estruturante do mundo social (lente de gênero)

O último núcleo expressa a síntese do percurso da participante ao longo da formação e da prática: “Tem gênero em tudo”; “A gente se apresenta no mundo num gênero”; “Até o anjo é colocado como homem”.

Gênero deixa de ser um recorte e passa a ser uma lente teórica fundamental para compreender o mundo, as relações e os sujeitos. Essa tomada de consciência é produto de um processo contínuo de formação crítica, onde teoria, vivência e prática se articulam. Ela relata também: “Mulheres são ensinadas a cuidar, e homens a receber cuidado.”

Essa frase revela como o gênero estrutura não só papéis sociais, mas também a distribuição do cuidado, do sofrimento, das expectativas e da liberdade. O que a participante articula neste núcleo é uma visão interseccional da subjetividade, na qual gênero, raça e classe não são camadas isoladas, mas dimensões indissociáveis da existência.

A escuta clínica e a própria atuação em psicologia passam, então, a ser pensadas a partir dessa consciência ampliada, em que o compromisso não é apenas técnico, mas ético, político e subjetivo.

4.2.2 Análise Internúcleos

Ao articular os núcleos de significação produzidos acima, é possível perceber um percurso atravessado por tensões, rupturas e reorganizações de sentido. Com base na abordagem da psicologia sócio-histórica, como desenvolvida por Aguiar e Ozella (2006), há a ideia de que a consciência se forma na relação entre o sujeito e o mundo, que está sempre atravessada por elementos como a linguagem, a cultura e a história. Nessa perspectiva, os núcleos de significação não devem ser vistos como partes fixas ou separadas, mas como recortes de um processo em constante transformação, em que os sentidos vão sendo construídos e reconstruídos conforme as contradições da realidade se apresentam e se movimentam

A ausência de debates sobre as questões de gênero na formação (Núcleo 1 - "invisibilidade") emerge como o primeiro ponto de tensão, em que a participante denuncia que esses conteúdos foram sempre buscados por iniciativa própria. A invisibilidade das questões de gênero na universidade não é apenas uma falha curricular, mas um marcador de um projeto de formação que silencia e exclui determinados saberes. Como aponta Vygotsky (2000), os sujeitos se formam nas interações com o meio; e, quando esse meio omite certas vivências e conhecimentos, restringe também o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, comprometendo, assim, a construção da consciência crítica.

É nesse vazio institucional que a participante encontra, nas teorias feministas, um espaço de ruptura (Núcleo 2 - "epifania"). Ela descreve essa experiência como uma "epifania", um deslocamento que a faz repensar não apenas sua trajetória

acadêmica, mas também sua vida pessoal. Esse momento é compreendido aqui como um marco na reorganização dos sentidos. Como escreve Zanello (2020), os saberes feministas funcionam como letramentos críticos e emocionais, que permitem às mulheres nomearem as violências que vivem e se reposicionar frente a elas. A partir desse contato com as epistemologias de gênero, a participante passa a elaborar um novo olhar sobre si e sobre o mundo.

Essa transformação subjetiva passa a impactar diretamente a sua visão da psicologia (Núcleo 3 - “psicologia opressora”). A prática psicológica, que antes aparecia como neutra e universal, passa a ser questionada. A neutralidade da psicologia é nomeada por ela como uma ilusão, uma ideia que mascara as reproduções de violência institucional, de raça, gênero e classe que se perpetuam nos consultórios, nos currículos e nas instituições. Essa crítica se relaciona com o livro “Irmã Outsider” da autora Audre Lorde (2020), que denuncia como a dita universalidade é, muitas vezes, a reprodução de uma experiência branca, masculina e burguesa como norma. A partir disso, a participante inicia um movimento de construção de uma escuta crítica e politizada (Núcleo 4 - “escuta politizada”), em que os marcadores sociais não são ignorados, mas reconhecidos como estruturantes do sofrimento psíquico.

A articulação entre esses núcleos evidencia como as contradições da formação — entre o que é vivido e o que é ensinado — produzem deslocamentos que impulsionam a busca por sentidos mais coerentes com a realidade. A psicologia sócio-histórica entende que é nas situações de contradição que se produzem mudanças na consciência (Aguiar; Ozella, 2006). É justamente isso que se observa no percurso da participante: da ausência das questões de gênero na formação, ela passa à crítica das abordagens tradicionais e à proposição de uma clínica comprometida com as questões sociais.

A crítica à culpabilização das mulheres nas instituições (Núcleo 5 - “culpabilização feminina”) e a reflexão sobre o papel das mulheres no cuidado (Núcleo 6 - “dispositivo materno”) aprofundam essa leitura. A participante observa como o cuidado é historicamente atribuído às mulheres — nas famílias, nos serviços de saúde, e na psicologia. Como já citado na entrevista anterior, Zanello (2016) define o dispositivo materno como organizador da vida subjetiva das mulheres, atribuindo-as o dever de cuidar dos outros, mesmo às custas de si mesmas. A psicologia, ao assumir-

se como “ciência do cuidado”, pode reforçar esses papéis quando não tensiona suas bases teóricas e práticas. A crítica da participante à centralidade das teorias masculinas (Núcleo 7 - “apagamento epistêmico”) mostra como essa naturalização se perpetua também no saber psicológico. Ela nomeia o apagamento de autoras negras e feministas como parte de um projeto político que escolhe quais vozes merecem estar na academia. Como afirma Djamilia Ribeiro (2018), a presença reduzida da população negra nos espaços acadêmicos é reflexo do racismo estrutural que impede o acesso dessa população em espaços acadêmicos.

Ao refletir sobre sua atuação clínica com mulheres negras (Núcleo 8 - “prática interseccional”), a participante reconhece os efeitos da racialização tanto no sofrimento das pacientes quanto em sua própria posição enquanto psicóloga branca. Esse reconhecimento não se limita apenas a constatação, mas a convoca a um reposicionamento ético. Essa dimensão interseccional da escuta é fundamental para uma clínica crítica. O movimento aqui é de ampliação da consciência: não basta reconhecer o sofrimento, é preciso também reconhecer o lugar de onde se escuta. Como destaca Audre Lorde (2020), o silêncio sobre as diferenças não nos protege, mas, pelo contrário, apenas reforça as desigualdades e opressões.

O conflito entre o desejo de cuidado e os limites da prática clínica (Núcleo 9 - “limite ético”) expressa a tensão entre o desejo de “salvar” e a necessidade de respeitar a autonomia da outra pessoa. A participante reconhece que não pode solucionar a vida do outro, e que isso não é uma falha, mas um posicionamento ético. Esse entendimento é fundamental para não reproduzir, na clínica, a lógica colonial e patriarcal do controle sobre os corpos e vidas alheias (Gonzalez,2020).

Já o núcleo 10 - “lente de gênero”, é uma síntese da entrevista: gênero passa a ser compreendido como categoria estruturante da subjetividade e das relações sociais. O que começou como ausência na formação se transforma em uma lente para enxergar a realidade. A tomada de consciência de que “tem gênero em tudo” revela o movimento final do processo: uma clínica, uma escuta e uma vida comprometida com a justiça social, a partir de uma perspectiva crítica, situada e feminista. Isso remete a proposta de vida ética e engajada proposto por Sarah Ahmed, em seu livro “Viver uma vida feminista” (2002), em que ela diz sobre como viver uma vida feminista é estar em desacordo com o mundo, é fazer da própria vida uma luta constante por justiça.

Assim, os núcleos de significação não apenas revelam experiências isoladas, mas expressam um movimento de transformação subjetiva em resposta às contradições vividas ao longo da formação e da prática. A psicologia sócio-histórica nos permite entender essa trajetória como um processo em que o sujeito, diante das contradições sociais, reorganiza sentidos e constrói novas formas de compreender e habitar o mundo. As epistemologias de gênero, por sua vez, funcionam como ferramentas potentes nesse processo, possibilitando nomear, pensar e transformar tanto as práticas clínicas quanto as estruturas institucionais que as sustentam

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir da metodologia dos núcleos de significação (Aguar; Ozella, 2006), a análise das entrevistas revelou muitos sentidos sobre os impactos das epistemologias de gênero na formação em Psicologia. O movimento entre as vivências das participantes e os marcadores sociais permitiu identificar muitas contradições que se tornaram pontos importantes para mudanças e críticas das próprias práticas dentro da psicologia.

A ausência de discussões sobre gênero na graduação em psicologia, apontada pelas participantes, não se configura apenas como uma lacuna curricular, mas como um projeto formativo e de sociedade que silencia determinados saberes. Essa exclusão é um epistemicídio, ou seja, a destruição de conhecimentos produzidos por grupos marginalizados.

O contato tardio das participantes com as epistemologias feministas e os estudos de gênero - que foram por iniciativa própria - evidencia a resistência desses saberes em estarem presentes no currículo da graduação.

As transformações subjetivas relatadas pelas entrevistadas vão além da vivência profissional e acadêmica e impactam suas relações familiares e afetivas, demonstrando a potência dessas epistemologias como ferramentas de uma nova visão de mundo, de análise e de cuidado. Não se trata de um conhecimento neutro ou técnico, mas de um saber situado (Haraway, 1995), comprometido com a realidade histórica e política dos sujeitos, atravessado por experiências vividas e relações de poder.

A crítica à neutralidade da psicologia aparece nas falas de ambas as participantes. A ideia de uma escuta "universal" é questionada por ignorar marcadores como gênero, raça e classe, reproduzindo, assim, uma lógica de exclusão. Nesse sentido, a escuta construída pelas participantes é uma escuta ética, implicada e crítica, que reconhece os limites da própria psicologia, mas que também aposta na transformação. Trata-se de se posicionar frente às violências, reconhecer os atravessamentos de gênero, raça e classe, e construir, na relação clínica, espaços de reconhecimento e resistência.

As teorias da psicologia foram também criticadas pelas participantes, especialmente pela forma como são ensinadas na graduação. O ponto não é a exclusão dessas teorias, mas a ausência de um tensionamento com os contextos históricos e sociais. Quando elas são ensinadas como verdades universais, desconsiderando a posição social dos sujeitos e das próprias teorias, correm o risco de reforçar normas de gênero, sexualidade e raça. O uso acrítico dessas abordagens pode reforçar a patologização e a medicalização de experiências e de sujeitos, ou reforçar papéis naturalizados, como o papel materno, frequentemente responsabilizando as mulheres pelo cuidado e pela família.

Outro ponto importante é a percepção de que o cuidado, tanto na clínica quanto na vida social, é atribuído majoritariamente às mulheres. Esse dispositivo materno, como nomeado por Zanello (2016), atravessa a subjetividade das mulheres e organiza práticas de cuidado em detrimento dos desejos pessoais. As entrevistadas narram esse atravessamento em suas escolhas profissionais, afetivas e familiares, reconhecendo a necessidade de repensar o lugar do cuidado na psicologia para que ele não reproduza desigualdades.

A discussão sobre raça também emerge como fundamental. As participantes, que são mulheres brancas, reconhecem os privilégios de sua posição e apontam para a ausência de autoras negras na graduação. A ausência de autoras como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro ou Patricia Hill Collins nos currículos é lida como parte de uma psicologia ainda marcada pelo eurocentrismo branco.

O método dos núcleos de significação foi fundamental para captar essas transformações. A análise das falas permitiu compreender os sentidos atribuídos pelas participantes às suas experiências e como esses sentidos se organizam a partir do contato com as epistemologias feministas. A psicologia, nesse contexto, não é entendida como neutra, mas como prática situada, que pode tanto reproduzir quanto questionar as estruturas de poder.

A escuta feminista, portanto, é mais do que uma escuta sensível: é uma escuta crítica e comprometida com a justiça social. Ela parte do pressuposto de que o sofrimento não é apenas individual, mas político. E que, para transformar esse sofrimento, é preciso transformar também as formas de conhecer, de escutar e de cuidar.

5.1 Análise entre os núcleos: convergências e singularidades

Ao colocar em diálogo os núcleos de significação produzidos a partir das entrevistas, é possível perceber tanto aproximações quanto caminhos distintos nas experiências relatadas. Ainda que atravessadas por um referencial comum — os estudos de gênero e as epistemologias feministas —, cada participante atribui sentidos singulares às suas vivências, marcadas por sua história.

A ausência das discussões de gênero na formação em Psicologia aparece nas duas falas como um ponto de incômodo. Mais do que uma lacuna de conteúdo, essa ausência é percebida como parte de uma lógica de exclusão que determina quais saberes são valorizados e quais são silenciados. O núcleo de gênero surge, então, como um espaço de ruptura, onde essas experiências podem ser legitimadas e ressignificadas.

O contato com as teorias feministas promove, para ambas, deslocamentos importantes. Enquanto uma participante fala em “epifania”, a outra descreve como esse encontro permitiu reler suas relações familiares, afetivas e profissionais a partir de um novo olhar. As transformações não ficam restritas à esfera pessoal, mas atravessam também a prática clínica: ambas constroem uma escuta crítica, ética e situada, que rejeita a ideia de neutralidade e reconhece os atravessamentos de gênero, raça e classe. Uma delas destaca a tensão entre o desejo de ajudar e a necessidade de respeitar os limites da escuta, enquanto a outra reflete sobre o medo de atuar em espaços masculinizados sem o devido preparo institucional.

Outro ponto de convergência está na crítica à formação teórica. A ausência de autoras negras, feministas e latino-americanas é sentida como um apagamento que compromete a construção de uma psicologia plural e comprometida com as realidades sociais brasileiras. Ambas denunciam como essa exclusão mantém uma formação ainda centrada em autores brancos, homens e europeus.

Apesar das semelhanças, as trajetórias se diferenciam. A primeira entrevistada é mobilizada especialmente por vivências relacionadas à violência contra a mulher e busca espaços onde possa elaborar essas experiências. Já a segunda articula sua

reflexão a partir do campo da saúde do trabalhador e do cuidado, abordando também de forma direta a questão da branquitude na prática clínica.

Por fim, as duas participantes denunciam o lugar da mulher e do cuidado dentro da psicologia. A presença majoritária de mulheres no curso é compreendida como uma consequência de um dispositivo social (dispositivo materno) que associa mulheres ao cuidado — e, com isso, as sobrecarrega, as desvaloriza e as responsabiliza. As duas participantes se colocam contra essa naturalização e afirmam que é preciso tensionar o lugar que a psicologia historicamente atribuiu às mulheres.

A frase “tem gênero em tudo”, presente nas duas entrevistas, sintetiza as entrevistas. Dessa forma, o detalhe vira uma estrutura. O pessoal se reconhece como coletivo. E o silêncio se torna denúncia.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa partiu de uma inquietação vivida durante a minha trajetória como estudante de psicologia. Ao longo da graduação, fui percebendo que havia algo que não era nomeado, um incômodo com a maneira que a formação lidava — ou deixava de lidar — com questões de gênero, raça e classe. Foi apenas nos dois últimos anos do curso que encontrei algum acolhimento e fundamentação para pensar essas questões. A partir dessa experiência, formulei os objetivos desta pesquisa: explorar, conhecer e identificar a importância das teorias de gênero na formação em psicologia e o impacto disso nas atuações enquanto estudantes ou profissionais, de acordo com o relato de alunas da PUCSP, que fizeram parte do núcleo de gênero no quinto ano da faculdade.

Durante o desenvolvimento do trabalho, entre leituras, escritas e entrevistas, compreendi que essa inquietação não era só minha. As falas das participantes ecoaram afetos, dúvidas, rupturas e reorganizações que também marcaram minha própria trajetória. Ambas as participantes que foram entrevistadas relataram um percurso de formação que negligencia de forma sistemática as discussões de gênero, tratando-as como opcionais ou marginais. Suas falas revelam que, ao contrário do que os currículos parecem indicar, as epistemologias feministas e os estudos de gênero não são temas "complementares", mas sim estruturantes para a formação ética, crítica e política de quem atua na psicologia.

O que encontramos neste trabalho não foram apenas críticas ao modelo atual de formação, mas também possibilidades para a transformação da psicologia. As entrevistas mostram que o contato com esses saberes provoca verdadeiras transformações nas formas de escutar, compreender o sofrimento psíquico e se relacionar com o mundo. As participantes relataram mudanças em suas práticas clínicas, em suas relações familiares e amorosas, em sua forma de se posicionar frente à própria branquitude, à heteronormatividade e ao sofrimento socialmente construído.

Dessa forma, esta pesquisa reafirma a importância de uma formação em psicologia que seja atravessada pelas questões de gênero, raça e classe — não como temas complementares, algo “a mais” que pode ou não ser oferecido, mas como elementos centrais da constituição subjetiva e da prática profissional. Uma formação

que não se sustente em uma neutralidade, mas que reconheça o lugar de onde se fala, se escuta e se atua. Como demonstrado pelas participantes, é possível construir uma escuta clínica mais sensível, politizada e situada.

Este trabalho também denuncia o epistemicídio ainda presente nos currículos de psicologia. A ausência de autoras como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Djamila Ribeiro, Patricia Hill Collins e outras pensadoras negras, latino-americanas e feministas é uma escolha política. Quando o conhecimento é selecionado a partir de um eixo eurocêntrico, masculino e branco, outras formas de saber são apagadas, e outras formas de existir são deslegitimadas. É preciso romper com essa lógica para que a psicologia possa, de fato, se comprometer com a justiça social.

Aos docentes que lerem este trabalho, o convite é para refletirem sobre o currículo que ajudam a construir: quais vozes ele privilegia? Quais saberes ele silencia? Que tipo de escuta ele forma? Que sujeitos ele legitima como dignos de atenção? E, mais profundamente: que psicólogos e psicólogas estão sendo formados nesse processo?

Aos estudantes e futuros profissionais, desejo que este trabalho sirva como uma fresta. Que ele desperte o desejo de buscar outras leituras, outras práticas, outras escutas. Que inspire a coragem de tensionar o que foi naturalizado, de questionar o que parece dado, de repensar o que parece neutro.

Essa pesquisa, mais do que responder a perguntas, abre outras que continuam em aberto, como uma convocação para que outras vozes, de outros lugares, continuem essa conversa. Por isso, encerro este trabalho com as perguntas que me moveram — e que ainda permanecem pulsando:

- O que acontece com a formação em psicologia quando ela é atravessada por epistemologias feministas e antirracistas?
- Como criar espaços curriculares que legitimem e valorizem saberes historicamente marginalizados?
- Que efeitos subjetivos produzimos quando insistimos em ensinar uma psicologia que se pretende neutra, mas que opera a partir de um lugar específico e privilegiado?

- Que lugar o nosso corpo, nossa história e nossas marcas ocupam na prática em psicologia?
- Como construir uma formação em psicologia que acolha, escute e valorize as epistemologias produzidas por mulheres negras, latino-americanas, indígenas, trans e travestis?
- Que efeitos subjetivos e ético-políticos estamos produzindo ao silenciar essas vozes?
- A quem interessa uma psicologia “neutra”?
- **Que psicólogas estamos formando? E para qual mundo?**

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, W. M. J. DE; SOARES, J. R.; MACHADO, V. C. Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, n. 155, p. 56–75, mar. 2015.
- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 94, n. 236, p. 299-322, 2013.
- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 26, p. 222-245, 2006.
- AHMED, Sara. **Viver uma vida feminista**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias, Sheyla Miranda e Mariana Ruggieri. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985
- BADINTER, E. **XY: A identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BRAMBILLA, B.; ANDRADA, C.; MELO, F. et al. **RELAÇÕES DE GÊNERO, VIOLÊNCIA E PSICOLOGIA: LATINIDADES INSURGENTES**. In: IOLE (Ed.). **VIOLÊNCIA DE GÊNERO: Por um Olhar Multidisciplinar**. 2022
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão Da Identidade**. 22 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CANNONE, L. A. R. Os Estudos de Gênero na Graduação em Psicologia: uma análise em Salvador, Bahia. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 4, n. 3, p. 39, 2018.
- CANO, M. **GÊNERO E SEXUALIDADE: vivências e concepções de jovens universitários/as de cursos de psicologia da cidade de São Paulo**. Orientadora: Ana Paula Leivar Brancaleoni. 2021 Dissertação de Mestrado—Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara - SP. Araraquara. 2021
- CASTRO, E. DE; OLIVEIRA, U. T. V. DE. A entrevista semiestruturada na pesquisa qualitativa-interpretativa: um guia de análise processual. **Entretextos**, v. 22, n. 3, p. 25–45, 2022
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil)**. Resolução CFP nº 8, de 7 de julho de 2020. Estabelece normas de exercício profissional da Psicologia em relação às violências de gênero. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 20 jul. 2020
- CURADO, J. C.; JACÓ-VILELA, A. M. Estudos de Gênero na Psicologia (1980-2016): Aproximações e Distanciamentos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 41, 2021.
- DENEGA, A. et al. **Gênero na Psicologia: Transversalidades**. 1. ed. Bahia: Conselho Regional de Psicologia 3º região, 2020.
- FIGUERÊDO, R. **Gênero: sentidos construídos por estudantes de Psicologia acerca da profissão de Psicólogo/a**. Dissertação de Mestrado—Universidade Federal do Pernambuco.

FOUCAULT, M. Sobre a História da sexualidade. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

GARNICA, A. V. M. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 1, n. 1, p. 109–122, ago. 1997.

GÓES, J. Ciência sucessora e a(s) epistemologia(s): saberes localizados. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 1, 2019.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7–41, 1995

HARDING, S. Objetividade mais forte para ciências exercidas a partir de baixo de Sandra Harding. **Em Construção**, n. 5, 7 jun. 2019.

LORDE, Audre. **Irmã outsider: escritos de uma guerreira negra feminista**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: José Olympio, 2020.

MACKINNON, C. Feminism, Marxism, Method, and the State: Toward a Feminist Jurisprudence. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v. 8, n. 4, p. 635–658, 1983

NARVAZ, Martha G. A **(In)visibilidade do Gênero na Psicologia Acadêmica: onde os discursos fazem(se) política**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2009. 305f.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RODRIGUES, M.; LIMA, A. M.; SILVA, M. V. A Psicologia Social Comunitária e as Epistemologias do Sul: um diálogo necessário em contextos neoliberais. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 17, n. 1, p. 12–12, 2022.

SANTOS, B. DE S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos - CEBRAP**, n. 79, p. 71–94, nov. 2007.

VIGOTSKY, L. S. **Teoria e método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VYGOTSKY, L. S. **Construção do pensamento e linguagem: as raízes genéticas do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WINNICOTT, D. **O brincar e a realidade**. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ZANELLO, V. Dispositivo materno e processos de subjetivação : desafios para a Psicologia. **Repositorio.unb.br**, 2016.

ZANELLO, V.; NICOLODI, L. Poder patriarcado e dispositivos de gênero no manejo clínico analítico-comportamental. In: **Habilidades terapêuticas na prática da psicoterapia**. Santana de Parnaíba: Manole, 2023. p. 281–293.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: Cultura e Processos de Subjetivação**. Curitiba: Appris, 2018.

APÊNDICES

1. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar como voluntária de uma pesquisa autorizada pela PUC-SP, sob a responsabilidade de **Giovana Marques Cunha** e sob orientação da professora **Fabiola Freire Saraiva de Melo**. As informações referentes à pesquisa, à pesquisadora e à sua participação estão detalhadas abaixo. Leia atentamente o **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido** a seguir. Se você estiver de acordo, inteiramente esclarecida e se dispuser voluntariamente a participar, agradeço por sua importante colaboração.

TÍTULO DO TRABALHO: Tornar-se Psicóloga: impacto do olhar gendrado na formação

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Giovana Marques Cunha

LOCAL DA PESQUISA: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.

DURAÇÃO DA PESQUISA: A presente pesquisa será realizada entre agosto de 2024 e junho de 2025.

OBJETIVO(S) DA PESQUISA: Os objetivos dessa pesquisa são: explorar, conhecer e identificar a importância das teorias de gênero na formação em psicologia e o impacto desses estudos nas atuações dos estudantes ou profissionais da área.

FORMA DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA: Estou ciente de que a minha participação nesta pesquisa será como entrevistada de forma online. Fui informada que a entrevista deve ser realizada em local reservado, de acordo com minha escolha, para garantir minha privacidade e o sigilo das informações que prestarei à aluna pesquisadora. Tenho ciência de que a entrevista terá duração média de uma hora e será gravada, desde que com a minha concordância. Minha concordância quanto à gravação da entrevista será validada após a leitura e assinatura deste termo de consentimento.

RISCOS E BENEFÍCIOS: Fui esclarecida que esta pesquisa espera alcançar, com seus resultados, importantes benefícios para a psicologia e a sociedade. Estou ciente de que é possível que aconteçam alguns desconfortos para mim, como estar diante de questões que eu não saiba responder, ou acerca das quais eu não tenha conhecimento suficiente ou aprofundado. Estou ciente de que a pesquisadora tudo fará para a redução desses desconfortos, principalmente mediante a disponibilização prévia de todos os esclarecimentos necessários. Sobretudo, não serei privada nem limitada em qualquer dos meus direitos, e tampouco intimidada com qualquer tipo de participação com a qual eu não concorde.

SIGILO E PRIVACIDADE: Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, que meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, me identificar, será mantido em sigilo pela pesquisadora e por sua orientadora, que se responsabilizarão pela guarda dos dados, bem como pela não exposição das fontes dos dados da pesquisa. As informações e dados resultantes desta pesquisa serão divulgados apenas em eventos ou publicações científicas, sem identificação das/dos participantes.

AUTONOMIA: Estou ciente de que me é assegurada toda a assistência necessária durante a pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre a pesquisa e suas consequências e tudo mais que eu queira saber, antes, durante e depois da minha participação. Também fui informada que posso me recusar a participar da pesquisa, ou retirar meu consentimento, a qualquer momento, sem precisar me justificar, e que, caso eu me retire da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo na assistência a que tenho direito.

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa ou sobre sua participação, você pode entrar em contato com a pesquisadora responsável, Giovana Marques Cunha, telefone (19) 98149-9554 e e-mail mcunha.giovana@gmail.com. Em caso de questões sobre seus direitos como participante, bem como denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você também poderá entrar em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-PUC)**, com sede na Rua Ministro Godói, 969 – Sala 63-C (Andar Térreo do E.R.B.M.) - Perdizes - São Paulo/SP - CEP 05015- 001 Fone (Fax): (11) 3670-8466 e e-mail: cometica@pucsp.br. Horário de atendimento do CEP ao Público: ***Das 11h00 às 13h00 de 2ª a 4ª feira e das 15h30 às 17h00 de 5ª e 6ª feira.***

De acordo com a Resolução nº **466/12** da CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) e Regimento dos Comitês de Ética em Pesquisa da PUC-SP, "toda pesquisa que, individual ou coletivamente, envolva o ser humano, de forma direta ou indireta, em sua totalidade ou em partes dele, incluindo o manejo de informações ou materiais", deve ser submetida à apreciação e acompanhamento do CEP.

A qualquer momento durante o processo, você tem direito a retirar seu consentimento, bem como a acessar os materiais da entrevista transcrita ou solicitar pela omissão de partes do relato.

SÃO PAULO, 04 DE OUTUBRO DE 2024.

Consentimento do participante

Declaro meu consentimento em participar do estudo “Tornar-se Psicóloga: impacto do olhar gendrado na formação” como voluntária de pesquisa. Fui devidamente informada e esclarecida sobre o objetivo da pesquisa, os procedimentos nela envolvidos e os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Tenho ciência de que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso me cause qualquer prejuízo. Autorizo a utilização das informações obtidas neste estudo sob garantia do sigilo da minha identidade. Informo que recebi uma via deste documento com todas as páginas rubricadas e assinadas por mim e pela pesquisadora responsável.

Nome do participante: _____

Endereço: _____

RG: _____; CPF: _____

Assinatura: _____ Local e

data: _____

Declaração da pesquisadora

Eu, Giovana Marques Cunha, declaro que obtive de forma apropriada e voluntária, o Consentimentos Livre e Esclarecido desta participante para a participação no estudo “Tornar-se Psicóloga: impacto do olhar gendrado na formação”. Declaro ter cumprido as exigências do(s) item(s) IV.3 e IV.4 (se pertinente), da Resolução CNS 466/12, a qual estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Declaro ainda que me comprometo a cumprir todos os termos descritos no presente documento.

Nome do Pesquisador: Giovana Marques Cunha

Giovana Cunha

Assinatura: _____

Local/data: São Paulo, 04/10/2024

2. ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

A entrevista semiestruturada contará com perguntas iniciais que serão guiadas pelo objetivo desta pesquisa. Não haverá uma estrutura fixa, permitindo que a ordem das perguntas possa variar, e novas questões poderão surgir conforme o diálogo com as participantes.

Parte 1: Conhecendo o participante

- Pedir que o participante se apresente, descrevendo aspectos e características sobre si e sobre sua história
- Como soube da pesquisa?
- Já havia participado de alguma pesquisa antes?
- Por que se interessou por participar dessa pesquisa?

Parte 2: Psicologia

- Como foi seu trajeto na psicologia?
- Quais núcleos você realizou durante o 5o ano da graduação?

Parte 3: Gênero

- Como, onde e com quem você começou a estudar as questões de gênero?
- Quais foram as/os autoras/es que mais te impactaram?
- Como as teorias de gênero impactaram na sua vida pessoal?

Parte 4: Gênero e Psicologia

- Como as epistemologias de gênero impactaram na sua concepção de psicologia?
- Como as epistemologias de gênero impactaram na sua atuação na psicologia?
- Quais aspectos da psicologia você começou a enxergar de forma diferente?
- Quanto você acha que as questões de gênero estão presentes nas aulas, estágios e supervisões no curso de psicologia?
- Você acha que isso impacta na sua atuação e no cuidado dos pacientes? Como?
- Conte-me uma história que você achou absolutamente pertinente fazer uma intersecção com as questões de gênero na sua atuação na psicologia.
- “Você vê gênero em tudo?”. Essa é uma pergunta muito comum realizada por pessoas que criticam as teorias de gênero. O que você pensa sobre essa questão?